

Reflexões sobre a produção de sentidos na crônica “Das vantagens de ser bobo” de Clarice Lispector¹

Adalto Sebastião da Silva JUNIOR²
Tabita Fernandes da SILVA³

Resumo: Este artigo traz reflexões sobre a produção de sentidos das palavras “bobo” e “esperto”, presentes na crônica “Das vantagens de ser bobo” da escritora brasileira Clarice Lispector. Verifica-se como a autora constrói novos sentidos em torno dessas palavras, atribuindo à palavra “bobo” uma carga positiva, enquanto atribui valor negativo a “esperto”. É um estudo bibliográfico, de natureza interpretativa que se preocupa em apresentar algumas das estratégias usadas pela autora do texto em análise para a produção dos sentidos das duas palavras selecionadas. Ademais, observa-se como as modificações nos sentidos das palavras exercem novas significações aliadas ao objetivo discursivo. Os estudos mais tradicionais sobre o significado e sobre as relações de sentido entre palavras tendiam a concebê-los como fixos e estabelecidos. Com as novas abordagens surgidas nesse campo de estudo, surgem novas possibilidades de compreensão de como os sentidos são produzidos. Assim, este estudo toma como pressupostos as concepções de que os sentidos não estão fixos nos elementos linguísticos e de que as relações semântico-lexicais entre palavras podem ser construídas e desconstruídas na atividade discursiva, vinculando-se à Semântica da Enunciação. O artigo adota como referenciais teóricos autores como Abrahão (2018), Bakhtin (1975), Barbosa & Castro (1993), Fiorin (2012), entre outros, para ancorar as reflexões sobre o sentido na linguagem e Silva & Nascimento (2014) e Moraes (2020) para as considerações sobre a autora da crônica em análise. Este estudo contribui para corroborar a atividade do falante como fundamental na construção de novos sentidos no uso efetivo da linguagem.

Palavras-chave: Produção de Sentidos; Discurso; Clarice Lispector.

Introdução

Na dimensão linguística em que os indivíduos estão inseridos, ressalta-se a capacidade transformadora que os falantes têm na construção de novos sentidos das palavras. As “ferramentas linguísticas” (Fiorin, 2013, p. 112) dispostas para a comunicação humana, não apenas materializam sua formação ao expressar sentidos, mas, também, definem-se como fatores sociais em uma comunidade de fala. Nesse sentido, o estabelecimento da linguagem coloca-se como ato de realização, haja vista sua execução individual na descrição da realidade e ação no mundo (Fiorin, 2013), tendo as palavras já existentes em uma língua sua referência na elaboração de novos significados.

¹ Trabalho referente à disciplina Semântica e Pragmática, ofertada pela Universidade Federal do Pará, campus universitário de Bragança, ministrada pela Profa. Dra. Tabita Fernandes da Silva, durante o 4º período do curso de Letras – Língua Portuguesa.

² Graduando do curso de Letras – Língua Portuguesa, campus universitário de Bragança. E-mail: js1446750@gmail.com

³ Doutora em Linguística pela UnB, Docente da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará. E-mail: tabitafs1@hotmail.com

Nessa perspectiva, a linguagem revela os mais diversos efeitos comunicativos por meio da produção humana no discurso. Entre os diversos contextos nos quais a comunicação pode concretizar-se, haja vista as noções de linguagem formal e informal, os falantes desenvolvem as intenções na transmissão da informação, em que as relações entre locutor e interlocutor afirmam o “que se diz e como se diz” (Pietroforte; Lopes, 2010, p. 114), e alcança variadas consequências com base na intencionalidade do emissor, como, por exemplo, nas propagandas políticas, anúncios publicitários, entrevistas jornalísticas, entre outros.

Ademais, as múltiplas construções de sentido têm êxito expressivo no campo das artes, considerando a natureza artística propícia à criatividade. Desse modo, apreende-se o valor significativo que os signos linguísticos desempenham no papel do artista e para a representação da realidade, pois, a linguagem em seu estado criativo e arquitetado, estabelece relações entre sentido e a linguagem poética (Kirchhof, 2009). Assim, entende-se a capacidade do ato enunciativo que as produções literárias podem executar, levando em conta os fatores mais favoráveis e propícios à criatividade próprios do fazer literário.

Sob esse panorama, destacam-se os estudos linguísticos e sua importância na possibilidade de oferecer novos olhares acerca da linguagem como atividade que permitem tornar explícitos os procedimentos dos usuários na construção de novos sentidos às palavras, tal como no contexto da produção artística. O estudo em questão visa mostrar como tais ocorrências se dão na crônica “Das vantagens de ser bobo” de Clarice Lispector, em que a autora, ao produzir novos sentidos às palavras “bobo” e esperto”, subverte seus significados amplamente conhecidos no dicionário.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho consiste em analisar a construção de novos sentidos das palavras “bobo” e “esperto”, presentes na crônica “Das vantagens de ser bobo” de Clarice Lispector. A atividade da autora, no texto, a partir das duas palavras, assenta-se no fato, socialmente consagrado de que são palavras em relação de antonímia, ou seja, com significados opostos. Sob esse pressuposto, a autora ergue a sua crônica, usando estratégias que resultam em novos sentidos para as duas palavras em questão. Sustentada no uso das duas palavras, a autora explicita no texto as razões para compreender essas duas ordens que, como observados na crônica, percebe seus sentidos de forma existencial. Além disso, traz para a cena valores sociais e culturais de cunho negativo e positivo agregados a cada uma das duas palavras.

Entender o movimento realizado pela autora para a construção de sentidos das palavras em questão é fundamental como exercício para o estudante da área bem como o é para prover contribuição aos estudos da Semântica e da Pragmática, além de expressar

conhecimentos que tangem a consciência do indivíduo perante os sistemas linguísticos e a solidificação desses campos nos processos da linguagem humana.

Fundamentação teórica

Os estudos do significado

Os estudos do significado ou do sentido têm sido tratados sob abordagens e concepções teóricas diversas, cada uma dando um tratamento peculiar ao sabor da concepção de sentido subjacente, não obstante as similaridades que podem ser encontradas entre tantas diferenças. Foi, no entanto, a partir de Michel de Bréal, em 1833, que a ideia de se considerar o sentido como um elemento especificamente linguístico, tem sua gênese, posteriormente desenvolvida no *Ensaio de Semântica* de 1897. Desses estudos, tem-se a primeira definição de Semântica como a Ciência das significações linguísticas (Tamba-Mecz, 2006, p. 12).

Segundo Tamba-Mecz (2006, p. 14-15), o percurso dos estudos semânticos apresenta, pelo menos, três grandes períodos: o período evolucionista, centrado na história das palavras; o período misto, com uma dupla ênfase: uma semântica lexical histórica e estrutural; o período das teorias formalizadas em que surgem a semântica da frase e da enunciação. Nesse último período, o enfoque na enunciação, culmina em um conjunto de abordagens que a autora agrupa sob o rótulo de teorias pragmático-enunciativas do sentido, cujo ponto de encontro pode ser considerado como

As abordagens do sentido que, por comodidade, agrupamos aqui sob o mesmo rótulo, têm como traço comum não isolar os significados linguísticos em sistemas estanques e autônomos (léxicos ou frases descontextualizadas), mas integrar a seus modelos algumas determinações provenientes das condições de uso das línguas. Dessa forma, três correntes de origem diferente encontram-se nas fronteiras do linguístico e do extralinguístico: a *pragmática lógica*, o *pragmatismo dos atos de fala* e a *semântica enunciativa*. (Tamba-Mecz, 2006, p. 44-45).

As teorias pragmático-enunciativas agregam as estruturas das línguas a seu uso discursivo no estudo do sentido. A necessidade de se incluir a dimensão discursiva nesse estudo sentido revela o caráter complexo do sentido que não se restringe ao universo puramente linguístico, mas transborda para outras esferas não linguísticas. A inclusão da dimensão discursiva nos estudos do sentido implica considerar elementos que uma abordagem puramente linguística negligenciou, a saber, os elementos contextuais sociais, históricos e

culturais presentes na atividade discursiva assim como os sujeitos participantes dessa atividade.

Abordagens há em que o sujeito falante não têm lugar de importância na produção do significado. De acordo com Abrahão (2018), por exemplo, é injustificável, uma teoria semântica que não considere o sujeito falante e seu potencial interpretativo, como se pode confirmar em

Existem muitos detalhes envolvendo as questões aqui colocadas, mas, de toda forma, parece pouco justificável a concepção de uma teoria semântica que não leve em conta o trabalho interpretativo do falante, o que ele tece em termos de significação quando combina composicionalmente propriedades lexicais e relações sintagmáticas. (Abrahão, 2018, p. 18)

E prossegue, argumentando para o fato de que uma teoria semântica deveria abranger em sua tarefa teórica, além da descrição do significado dos elementos lexicais, a explicação de como os usuários da língua produzem sentidos.

Por mais que propostas como as de Katz, Katz e Postal, Jackendoff, por exemplo, apresentem dificuldades conceituais, este parece ser um ponto unanimemente aceite: uma teoria semântica é, em sua essência, uma explanação plausível de como falantes de uma língua produzem sentidos por meio das sentenças que constroem e isso está muito além de uma tarefa de apenas descrever o significado de itens lexicais. Em alguma extensão, os processos inferenciais de que os falantes se valem para interpretar sentenças são aqueles que estão disponíveis para uma análise semântica, além do descritivismo lexical. (Abrahão, 2018, p. 18).

A descrição/análise empreendida neste estudo vincula-se à Semântica da Enunciação. Assim, propõe uma análise do sentido que toma cada elemento da língua visto a partir do lugar de quem o produziu, considerando para quem se produz, situado nas condições históricas e sociais de produção e nos modos de produção desses elementos. Como implicação dessa escolha de perspectiva, tem-se que os sentidos não estão prontos e encerrados nos elementos linguísticos, mas são construídos no processo enunciativo, no uso efetivo da linguagem.

Outra importante implicação da escolha por uma abordagem enunciativa na análise do sentido é o lugar de relevo dos sujeitos falantes, tanto no processo de produção de significados quanto no de compreensão dos significados produzidos. Esse modo de conceber a produção dos sentidos considera o potencial que tem o usuário da língua tanto de construir sentidos novos para formas usuais da língua quanto o de desconstruir sentidos já consolidados no seio de uma comunidade.

Abrahão (2018), por fim, apresenta uma perspectiva a respeito do que vem a ser produzir sentidos na linguagem. Conforme a autora

Produzir sentidos é fazer a linguagem se renovar a cada instante, tornando-a própria, singular. Estudar os efeitos de sentido produzidos é pensar a linguagem como um jogo de vários parceiros em que diversos fatores entram na análise (Abrahão, 2018, p. 24).

Como já largamente conhecido, o jogo da linguagem acontece na linguagem em uso, preocupação central da Pragmática, que estuda a relação entre língua e seu uso. É também referida como a área imprescindível para o reconhecimento interpretativo de frases ou palavras, pois, determinados aspectos linguísticos se moldam a fim de estabelecer sentido em uma situação concreta de fala (Fiorin; Discini, 2013. p. 182). Dessa forma, Semântica e Pragmática alinham-se quanto ao papel ativo dos sujeitos, reconhecidos e representados por certa língua.

Assim, este estudo leva em consideração a participação dos usuários da língua como fundamentais para a construção de sentidos dos elementos linguísticos quando postos em atualização no discurso pelos falantes que deles fazem uso.

Metodologia

Este estudo está baseado integralmente em pesquisa bibliográfica cujo objeto de análise é o texto “Das vantagens de ser bobo”, pertencente ao gênero crônica de onde se extraem duas palavras – “bobo” e “esperto” que são o foco específico de análise. Certamente que as duas palavras são analisadas, levando-se em consideração o texto onde são usadas.

A análise consiste em tornar explícitas as estratégias que a autora usa para construir novos sentidos para as palavras “bobo” e “esperto”, compreendendo que as transformações operadas nos sentidos das palavras em questão servem a propósitos mais amplos almejados pela autora com a feitura global da crônica. Observar como se dá a construção de sentidos em um texto constitui-se em exercício fundamental para se perceber como a língua em seu uso efetivo está diretamente ligada à vida dos homens e das mulheres que dela fazem uso cotidianamente.

Clarice Lispector

Chaya Pinkhasivna Lispector, ou mais conhecida Clarice Lispector, é uma das autoras mais influentes e consumidas no Brasil, sendo reverenciada por sua versatilidade entre diversos gêneros, nos quais se destacam romance, contos e crônicas. Mesmo tendo nascido em 10 de dezembro de 1920, na cidade de Tchetchelnik, Ucrânia, a autora, de origem judaica, considerava-se brasileira, tendo viajado para a cidade de Maceió aos dois anos de idade na tentativa de fugir das perseguições que os judeus sofriam. Sob o enfoque que constitui a sua vida, Clarice aponta em seus escritos a construção de sua identidade ao olhar para o mundo, moldada pela “transfiguração da vida na escritura literária” (Silva; Nascimento 2014, p. 55), percebido, por exemplo, na personagem Macabéa de *A Hora da Estrela*, uma datilógrafa migrante do estado de Alagoas para o Rio de Janeiro, sob a sensação das novas experiências que a cidade grande lhe proporciona.

Diante de um espelhamento existencial que parece conferir legitimidade na criação artística de Lispector, a escritora busca por elementos reais, em que alcança e transforma-se por meio do texto criado. Ainda que os temas subjetivos demonstrem ser a marca da romancista, o contexto modernista em que esteve presente demarca, também, novas perspectivas em seu fazer literário. Como afirma Alfredo Bosi, onde “o texto tem um momento formativo no qual o escritor se empenha inteiramente na palavra, no ritmo e nos vários traços de linguagem” (2015, p. 371-272), o estudioso aponta as experimentações artísticas e inovações linguísticas, características de grande relevância a respeito da terceira geração do Modernismo, ou Geração de 45. Nesse sentido, percebe-se o caráter especial que a linguagem modernista instalaria no contexto de suas escrituras, onde a subversão da palavra concebe novos arranjos de significação.

Ao seguir esse panorama, evidencia-se a presença de determinados elementos expressivos na construção literária de Clarice. O monólogo interior e o fluxo de consciência assentam-se, como afirmaram alguns críticos literários da época, como os aspectos centrais nas obras da autora, possivelmente influenciada por Virgínia Woolf e James Joyce, haja vista a influência desses escritores nesse contexto de criação artística. Entretanto, Clarice negaria a leitura de tais escritores na época em que seus textos foram concebidos, o que não a impediu de criar um vasto conjunto de obras originais, objetos de múltiplas análises acerca de seu conteúdo.

A autora e sua produção

Clarice Lispector revela-se por sua versatilidade de composição em prosa, manifestando realizações literárias de diversos gêneros. Segundo o Instituto Moreira Salles (Moraes, 2020), responsável pela coleção e publicação de informações a respeito da escritora, *Perto do Coração Selvagem*, seu romance de estreia em 1943, marca sua abertura no cenário literário. De caráter introspectivo, foi bem elogiado e premiado em 1944 pela Fundação Graça Aranha. Entre outros sete romances publicados, destaca-se *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, de 1969, e *A paixão segundo G.H.*, publicado em 1964.

Entre seus outros trabalhos, vale mencionar cinco livros infantis publicados pela autora, além de coletâneas de contos e outras publicações que serviriam de fonte para conhecimentos íntimos e precisos sobre sua época. Entre seus outros livros, mostram-se *Laços de Família*, coletânea de grande relevância no conjunto de contos, a novela *A hora da estrela*, sua obra mais famosa, assim como outros lançamentos formados apenas da seleção de determinados textos (Moraes, 2020).

Outro gênero de grande valor durante a vida autoral de Lispector refere-se à produção de crônicas, como nas coletâneas *Para não esquecer* e *A descoberta do mundo*. Este último constitui-se a partir da colaboração de Clarice ao *Jornal do Brasil* de 1967 a 1973 (Moraes, 2020), ao tecer sob os acontecimentos cotidianos a construção de uma perspectiva humorada e íntima da autora, outrora, apoiada na concepção misteriosa presente nas obras romanescas da escritora. (Paixão, 1999 *apud* Moraes, 2020).

O texto em análise

Com o objetivo de discutir o potencial que tem o usuário da língua para produzir sentidos ao colocar a língua em uso, neste estudo, utiliza-se a construção literária de Clarice Lispector, na crônica “Das vantagens de ser bobo”, do livro *A descoberta do mundo*, de 1984. Sob o viés subjetivo que estabelece sua literatura, convém destacar, também, a capacidade transformadora que sua intimidade atravessa as palavras, envolto de temas considerados triviais, sem ausentar sua visão de mundo em um novo modo de entender sua realidade. Assim sendo, a crônica mostra-se como um verdadeiro modelo de análise para as relações entre a autora e a realidade.

A crônica, como destacado por Santos (2007, p.17 *apud* Moraes, 2020), está “no detalhe, no mínimo, no escondido, naquilo que aos olhos comuns pode não significar nada, [...] e coloca-se de pé uma obra delicada de observação pessoal. Dessa maneira, cumpre a esse gênero, conquistado e moldado ao próprio modo de criação literária de Clarice, as

Revista A Palavrada (ISSN 2358-0526), 25, jan-jun, p. 75-92, 2024 - 1ª edição

compreensões que determinam relações verdadeiras do indivíduo, frente a uma realidade que envolve-se em um “recorte delimitado pelo modo de alguém ver o mundo” (Cuenca, 2012 *apud* Moraes, 2020, p. 51).

Em “Das vantagens de ser bobo”, publicado originalmente em 12 de setembro de 1970, no *Jornal do Brasil*, Clarice brinca a respeito do ‘ser bobo’ e ‘ser esperto’, sob a ótica desses adjetivos condicionados a determinadas conjunturas. Ao fazer isso, Clarice subverte o entendimento que essas palavras possuem e, ao se valer da própria reflexão que esses termos podem desempenhar, compreende tais fatores na condução de sua verdadeira significação. Ao dizer: “Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza” (Lispector, 1984), a autora demonstra possuir consciência sobre as reais posições de quem vive sob esses rótulos, assim como o verdadeiro estado de alma a que estão vinculados.

Discurso e sentido em perspectiva

Ao analisar aspectos textuais de natureza semântico-pragmático, pode-se também entender o caráter transformador que a própria linguagem estabelece no seu interior. Dessa capacidade, na qual os componentes textuais se modificam, o uso exerce relevância nos estudos da língua, pois a interpretação de determinado discurso pode apenas acontecer em uma situação concreta de fala (Fiorin, 2012, p. 166). Assim, é possível perceber a influência dessas situações em diversas produções comunicativas, dada a competência de modificação por meio do falante e, assim, ser capaz de definir novos parâmetros linguísticos.

Sob essa ótica, o discurso configura-se como uma expressiva modalidade que atua na produção de novos significados. A respeito disso, essa faculdade apresenta-se como uma respeitável área de interesse, como indicado no excerto de *Elogio a Helena*, do filósofo sofista Górgias, quando diz: “o discurso é um grande soberano, que com o mais diminuto e inaparente corpo, as mais divinas obras executa” (Barbosa & Castro, 1993). Dessa maneira, essa propriedade da comunicação, sob a posse de um comunicador, fundamenta novos princípios linguísticos a favor do falante, diante das intenções e dos contextos de outrem. (Bakhtin, 1975, p. 100).

Esses fatores tornam-se essenciais para se compreender as significações das palavras “bobo” e “esperto”, escritas por Clarice Lispector na crônica “Das vantagens de ser bobo”.

Conforme já mencionado, na crônica em questão, a autora utiliza duas palavras principais *bobo* e *esperto* colocando-as em uma relação opositiva para erguer a construção do

sentido da palavra *bobo*, palavra em cuja órbita gira o tema da crônica. Tanto uma quanto outra palavra têm um étimo vinculado a uma significação já registrada em dicionário e largamente conhecida pelos usuários da língua portuguesa.

Dicionários de fácil acesso como os que estão disponíveis na internet, por exemplo, indicam que a palavra *bobo* tem sua origem no latim *balbum* com acepções⁴ variadas, tanto em seu emprego substantivo quanto adjetivo, desde as de cunho mais histórico até os usos mais atuais como:

- 1) Indivíduo de aparência grotesca que, especialmente na Idade Média, divertia reis, príncipes e nobres com caretas, graças e momices; bufo, maninelo, truão; 2) aquele que diverte os outros ou procura diverti-los com frases ou gestos burlescos; 3) indivíduo tolo; 4) indivíduo que diz asneiras.

Ao emprego adjetivo da palavra “bobo” também se aplicam acepções similares: 1) que revela ingenuidade ou falta de esperteza; palerma, simplório; 2) que tem pouca importância; insignificante; 3) que é cômico, ridículo ou pouco delicado; 4) Diz-se de cavalo recém-domado, que ainda não obedece bem ao comando das rédeas.

O mesmo se aplica à palavra “esperto”. O mesmo dicionário mencionado apresenta a origem dessa palavra vinculada à palavra oriunda do latim vulgar *expertum*. A palavra *esperto* também tem emprego substantivo e adjetivo, agregando as seguintes acepções, respectivamente: 1) indivíduo ardiloso; espertalhão; que está acordado; desperto; 2) FIG que não se deixa enganar facilmente; arguto, perspicaz, sagaz, solerte; que é cheio de astúcia; ardiloso, ladino, manhoso, solerte. 4) que está quase quente; morno.

Observando-se as acepções registradas no dicionário mencionado, tais acepções estão vigentes no uso cotidiano. A palavra “bobo” ainda carrega as acepções negativas que o dicionário apresenta; a palavra “esperto”, por sua vez, veicula acepções positivas. Tais acepções são transmitidas e se estabelecem pelo uso reiterado na sociedade.

A crônica “Das vantagens de ser bobo” é construída a partir de um ato deliberado da vontade de um indivíduo que, para construir novos sentidos para as palavras “bobo” e “esperto”, desconstrói os sentidos usualmente conhecidos mediante as possibilidades que encontra ao manipular as formas da língua.

⁴ As acepções indicadas foram extraídas do Dicionário Michaelis online disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>

Desconstrução e construção de sentidos da palavra “bobo”

Nesta seção discutem-se algumas estratégias da construção de sentidos das palavras “bobo” e “esperto” na crônica selecionada para este estudo. Convém ressaltar que o processo de construção de novos sentidos das duas palavras é simultâneo ao processo de desconstrução da significação habitual já consagrada pelo uso.

Nesta seção são apresentados alguns movimentos estratégicos de que a autora se utiliza para construir o sentido da palavra bobo no texto em estudo e, conseqüentemente, da palavra esperto. Nota-se que, desde a escolha do título, fica evidenciado o ponto de vista sob o qual a autora construiria o texto e qual seria a palavra que ficaria em relevo nesse texto. Assim, o título da crônica “Das vantagens de ser bobo” já promete que “ser bobo” seria tratado sob uma perspectiva positiva. Ao lado disso, fica o acordo tácito de que a palavra “bobo” seria o ponto central da crônica. Na sequência, são apresentadas algumas estratégias observadas neste estudo para a construção/desconstrução dos sentidos de “bobo” na crônica em pauta.

1 Desmitifica a incapacidade humana do bobo para sentir, pensar e experimentar o mundo

O texto já inicia derrubando um pressuposto corrente a respeito da ausência da integralidade humana do bobo: de que o bobo seria incapaz de usar os seus sentidos para prestar atenção ao mundo que o cerca, de que seria incapaz de experimentar esse mundo e de pensar. Assim, o texto inicia com: “O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar no mundo”. Nesse trecho, o bobo é apresentado como alguém que dispõe de tempo para a experiência sensorial com o mundo e cujos sentidos estão abertos e livres para ver, ouvir e tocar o mundo, justamente porque é desprovido de ambições. Além disso, o bobo gasta tempo com o ato de pensar, não apenas por sua condição humana, mas por uma prática deliberada desse ato, revelando que tem a consciência de que pensa e que escolhe pensar. Assim, a autora está desconstruindo algo implícito nas acepções correntes atribuídas ao bobo de que haveria alguma lacuna em sua humanidade seja nos sentidos, na capacidade racional, na capacidade da experiência e da volição. Em suma, pode-se interpretar que a autora começa a erigir uma imagem do bobo que poderia ser traduzida como: nada há de errado com o

potencial humano do bobo. Nada lhe faltaria, assim, em seu potencial sensorial, emocional e racional.

2 Contrasta “bobo” com “esperto”

A autora, estrategicamente, chama para a cena do texto, o ser humano esperto, que é tido como o oposto do bobo, cujas acepções correntemente atribuídas são positivas. A seguir esse contraste pode ser confirmado com excertos do próprio texto.

O esperto	O bobo
1. “os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza;”	1. “ser bobo às vezes oferece um mundo de saída; o bobo tem originalidade; espontaneamente lhe vem a ideia;”
2. os espertos não veem certas coisas que os bobos veem;	2. “o bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem.
3. “estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontraem diante dos bobos;”	3. “(...) e estes (os bobos) os veem como simples pessoas humanas”;
4. “o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado;”	4. “(...) a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e portanto estar tranquilo;”
5. “o esperto vence com úlcera no estômago;	5. “o bobo nem nota que venceu;”
6. “ (...) há espertos que se fazem passar por bobos por causa da simpatia que os bobos têm;”	6. “o bobo é sempre tão simpático;”
7. “os espertos não conseguem passar por bobos”	7. “ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos;”
8. “os espertos ganham dos outros;”	8. “em compensação os bobos ganham vida;”

Nota-se, nos excertos, que a autora contrasta o esperto com o bobo, desnudando o aspecto negativo do jeito esperto de ser, comumente oculto socialmente. Fazendo o movimento contrário, a autora extrai aspectos positivos do jeito bobo de ser. Vê-se, nesse contraste criado pela autora, uma forma de argumentação contra a visão hegemônica do bobo como algo negativo. Essa visão é tão arraigada socialmente que as pessoas não querem ser associadas ao bobo e, sim, ao esperto. Embora também sejam conhecidos aspectos menos positivos da palavra “esperto”, consideramos que estes são marginais e, talvez, menos evocados.

Os excertos que mostram o contraste mencionado entre ser esperto e ser bobo, atribuem ao bobo um rol de características bastante positivas. Assim, ao final desse contraste feito pela autora, o bobo emerge como um ser original, espontâneo, tranquilo, simpático, além

de ser visionário o suficiente para ver coisas que os espertos não veem. Além disso, em vez de ser o grande perdedor, o bobo é um vencedor por ganhar o prêmio mais fundamental que é a vida.

No lado oposto a isso está o esperto, certamente sem originalidade e espontaneidade, medroso, ansioso e sem criatividade ou simpatia. A grande vitória do esperto é mostrada como uma conquista egoísta que se limita a ganhar dos outros. A imagem do esperto, então, sofre uma desconstrução que lhe faz imergir. Na medida que a imagem do bobo passa por uma ascensão positiva, a do esperto sofre a queda dos seus atributos que seriam, correntemente, positivos.

Em suma, a autora subverte a interpretação positiva daquilo que se considera esperto ao mesmo tempo em que subverte a interpretação negativa daquilo que se considera bobo.

3 Nega o senso comum a respeito do bobo

No decorrer do texto a autora chama a atenção para algumas acepções comumente atribuídas ao bobo que ela faz questão de negar com veemência como em; “aviso: não confundir bobos com burros” ou em ““(…) não confundir bobo com burro, com tolo, com fútil.” Nesse caso em particular, no processo de desconstrução negativa da imagem do bobo a autora toca diretamente no significado da palavra, negando a relação sinonímica que a palavra teria com as palavras “burro, “tolos” e “fútil

De maneira similar, ainda explorando a negação, a autora apresenta uma série de situações ou características que o bobo não tem ou não faz, desconstruindo o pensamento comum. Assim, conforme o texto, o bobo: não se ocupa com ambições, não desconfia, não nota que venceu, não reclama, não prevê a tristeza de receber uma punhalada de quem menos espera, não se importa(m) que saibam que ele(s) sabe(m).

Desse modo, nota-se o uso da negação direta como estratégia de desvinculação do bobo a qualquer possibilidade de ser alguém ambicioso, desconfiado, competitivo, reclamador, entre outras características negativas.

4 Coloca em relevo aquilo que o bobo é e faz

Conforme já comentado, a autora usa a estratégia de negação como forma de desvincular o bobo de determinadas características e ações negativas no intuito de desconstruir concepções negativas e equivocadas acerca dele. Em outros momentos do texto,

Revista A Palavrada (ISSN 2358-0526), 25, jan-jun, p. 75-92, 2024 - 1ª edição

de modo inverso, a autora também usa a estratégia de afirmar certos atributos, e ações que seriam próprios do bobo, dando-lhes relevo, para construir uma imagem que incida no novo sentido da palavra bobo que busca fazer emergir no texto.

Dessa forma a autora afirma sobre o bobo: a) que este tem tempo para ver, ouvir e tocar no mundo; b) que é capaz de ficar sentado, quase sem se mexer por duas horas, pensando; c) vê os espertos como simples pessoas humanas; d) tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem; e) ganha liberdade e sabedoria para viver; f) é alguém que exclama, ou seja, tem a capacidade de se admirar; g) alguém que é sempre muito simpático; i) que os bobos ganham vida; j) aquele que faz palhaçadas.

Tais afirmações a respeito do bobo colaboram para esculpir a imagem de alguém admirável, ético, simpático, bem-humorado, livre, etc, erguendo, assim, os argumentos que sustentam a ideia de que há vantagens em ser bobo.

5 Associa o bobo a ícones da humanidade

No propósito de construir a imagem do bobo e, conseqüentemente o novo significado da palavra no texto, a autora usa da estratégia de associação a ícones da humanidade tanto no campo da arte quanto no da espiritualidade. No campo da arte, há um momento do texto em que a autora afirma o seguinte: “O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes o bobo é um Dostoiévski.” Aqui importa lembrar que Dostoiévski, o grande escritor russo, autor da famosa obra o *Idiota*, de 1869, em que figura como personagem central o príncipe *Míchkin*, considerado idiota para a sociedade de seu tempo. Além de associar o bobo a Dostoiévski, a autora também o associa a Chagal, o famoso pintor francês, de origem russa, ao afirmar :” Bobo é Chagal, que põe vaca no espaço, voando por cima das casas.” Chagal é conhecido por reunir em sua pintura elementos que flutuavam entre o real e o imaginário, plenos de magia⁵.

A associação do bobo, no texto, não se limita a ícones da arte de alcance mundial, mas também ao ícone máximo da fé cristã: o Cristo. Ao fazê-lo, a autora ergue a imagem do bobo a um nível tão elevado ao ponto de afirmar: “Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz.” Ao fazê-lo a autora afirma que a experiência máxima do Cristo, a crucificação, só

⁵ Há extraordinária força cromática em sua pintura. Em muitos casos, os contrastes de cor pura contrariam a lógica dos seres e dos objetos representados. Uma vaca azul, um rabino vermelho, essa liberdade cromática reforça sua lírica e ajuda a criar um mundo plástico que flutua entre o real e o imaginário, dotado de intensa magia. (MAGALHÃES, Fábio. Catálogo. O mundo mágico de Marc Chagal, o sonho e a vida. São Paulo, 2009, p. 36)

aconteceu porque seu protagonista foi um bobo. Como a crônica foi escrita em um contexto majoritariamente cristão, a imagem do bobo tem toda a condição de atingir o ápice do aspecto positivo na compreensão dos possíveis leitores.

6 Destina ao bobo um lugar de importância

Seguindo a linha de construção positiva da imagem do bobo, a autora também escolhe dois lugares para situar o bobo: um espaço material, geograficamente localizável, Minas Gerais, e outro, imaterial, não localizável geograficamente, o céu. Isso é verificável, respectivamente, nos excertos: “Há lugares que facilitam mais as pessoas serem bobas (...). Minas Gerais, por exemplo, facilita o ser bobo. Ah, quantos perdem por não nascer em Minas!”; “Os bobos com suas palhaçadas, devem estar todos no céu.”

Embora não se possa afirmar que a escolha da autora por Minas Gerais resida no fato de que os mineiros são tradicionalmente conhecidos pela discrição, quietude e receptividade acolhedora, mas, certamente, o faz por algum atributo positivo, de modo que mostra Minas Gerais como um lugar que facilita o jeito bobo de ser. Ao lado disso, a autora afirma que o bobo é alguém que provoca o humor, a alegria, o riso de modo a afirmar que os bobos fazem palhaçadas e que, assim sendo, deveriam estar no céu; ou seja, o céu seria lugar de gente boba.

Na tradição cristã o céu é o melhor lugar para onde todos desejam ir após a morte e que o céu é lugar para boas pessoas. Ao afirmar que os bobos, com suas palhaçadas devem estar todos no céu, a autora mostra que o bobo é o candidato a estar nesse lugar especial, muitas vezes evocado como a metáfora do melhor lugar. Com essa associação, mais uma vez a autora acrescenta traços semânticos positivos ao sentido da palavra bobo.

7 Associa o bobo ao ápice das virtudes humanas

À medida que o texto progride, a autora elege elementos cada vez mais elevados para argumentar a favor da ideia de que ser bobo tem vantagens. Assim, para concluir o texto, tem-se o seguinte: “É quase impossível evitar o excesso de amor que um bobo provoca. É que só o bobo é capaz de excesso de amor. E só o amor faz o bobo.” Com esse trecho a autora vincula plenamente o bobo à virtude do amor. Na tradição cristã, o amor é tido como a mais elevada das virtudes. Assim, afirma que a existência do bobo só existe sob a condição do amor, ou seja, o único elemento que estaria na base do surgimento de um bobo seria o amor. Assim

sendo, somente o bobo é capaz de excesso de amor. Tal excesso seria uma exclusividade dele, provocando, em razão disso, excesso de amor nos demais.

Sob a aplicação da palavra “bobo”, a autora intenciona ressignificar seu valor semântico acrescentado da palavra “amor”, ao atribuir esse conjunto uma carga otimista e, consequência disso, o termo “bobo” ser percebido de maneira favorável pelo intuito da escritora. Nesse sentido, Clarice expressa o sentimento e a qualidade do amor proporcionada diante da simplicidade de ser bobo e, ao mesmo tempo, como apenas a condição de bobo é capaz de tais manifestações sentimentais. Com tal associação, ao final do texto, a imagem do bobo, comumente negativa, consolida-se de um modo plenamente positivo, já que o bobo está revestido da maior das virtudes, o amor, que lhe dá origem, está na base de suas ações e irradia para os demais, corroborando para que se chegue à conclusão da grandeza de ser bobo e de que, portanto, ser bobo tem vantagens.

A autora constrói uma argumentação que sustenta a ideia de que ser bobo tem vantagens. Tanto é que, mesmo nos trechos do texto em que a autora apresenta duas desvantagens de ser bobo, estas, ainda assim, são mostradas sob um prisma positivo como se pode notar em: “ Há desvantagem obviamente. Uma boba confiou na palavra de um desconhecido (...).” Em outro trecho: “Desvantagem: pode receber uma punhalada pelas costas de quem menos espera.” Conforme a autora, quando o bobo se dá mal por confiar ou por ser traído, ainda assim, sob os escombros da traição e da confiança desmedida está a virtude de viver tranquilo por não se entregar à prática ansiosa da desconfiança.

Diante das palavras empregadas no texto, a autora configura novos sentidos semânticos aos termos e, assim, são expressos entendimentos contrários dessas palavras nas ocasiões descritas pela autora. No trecho em que diz: “[...] muitas vezes, o bobo é um Dostoiévski” (Lispector, 1984). Em outro momento: “Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz” (Lispector, 1984). Observa-se, portanto, que a autora demonstra, corroborar seu discurso ao utilizar as palavras “bobo” e “esperto”, no apoio que esses termos podem significar diante dessas ocorrências de circunstâncias equivalentes.

Ainda a respeito dos sentidos das palavras validadas por Clarice, emerge a competência da autora em revelar construções semânticas divergentes das acepções, outrora, conhecidas linguisticamente. Isso é possível, pois, os sentidos manifestados no discurso, incidem, também, a singularidade da língua como particularidade semi-alheia, que se converte a si própria a qualidade através do falante e sua orientação semântica e expressiva (Bakhtin, 1975, p. 100). Dessa forma, compreende-se uma qualidade positiva e negativa desses termos elaboradas pela autora em sua crônica, na qual o discurso encontra-se junto do objetivo

demarcado, ou seja, no espaço de interação comunicativa que Lispector possui em sua produção literária.

A essa altura, importa considerar que a argumentação da autora em prol de sustentar a ideia de que ser bobo tem vantagens faz emergir um novo sentido para a palavra “bobo”. O sentido negativo comumente atribuído à palavra é soterrado e outro sentido, plenamente positivo se ergue por meio das estratégias de que a autora se utiliza em todo o texto. Como consequência, surge, também um novo sentido para a palavra “esperto”, a que se agregam traços semânticos negativos. Assim, evidencia-se o movimento de subversão de sentido das palavras “bobo” e “esperto” construídos em discurso.

A relação de sentido entre as duas palavras, comumente tidas como relação de antonímia, continua a mesma.

ESPERTO	-----	BOBO
+ POSITIVO		- POSITIVO

Ainda permanecem em relação de antonímia, mas após a atividade argumentativa da autora, considerando-se o *continuum* do traço “positivo”, as duas deslocam-se para pólos opostos, subvertendo-se, assim, os sentidos.

BOBO	-----	ESPERTO
+ POSITIVO		- POSITIVO

A análise revela que a autora não recorre a um novo significante para a argumentação que pretende em torno das vantagens de ser bobo. Pelo contrário, mantém o mesmo significante, desvincula a relação de sinonímia entre “bobo” e “burro/fútil/tolo”, desfígura os traços positivos da palavra esperto e coloca em perspectiva os traços positivos de bobo. Nessa atividade, a autora também sai dos limites do universo das palavras e recorre ao contexto histórico, cultural, convocando o seu interlocutor a participar da construção de sentidos, provocando-o a acessar o próprio conhecimento de mundo, permitindo que se perceba a produção de sentidos como uma atividade que se consolida efetivamente quando a linguagem é posta em uso.

Considerações Finais

Diante da análise realizada, percebe-se como os discursos são propostos pelos falantes e, assim, são possíveis de estabelecer alternativas de entendimento com base no enunciador,

que ajusta e configura novos sentidos a expressões linguísticas de alcance semântico e pragmático. Como justificativa para esse fenômeno, constata-se circunstâncias influenciadoras, que se confluem e estabelecem o pleno exercício do ato comunicativo.

O exemplo do que faz autora com as palavras “bobo” e “esperto”, no gênero literário, é um retrato do que acontece, também, na linguagem cotidiana e descontraída. As grandes demandas sociais de nosso tempo presente em torno do uso das palavras e dos sentidos que emergem delas na sociedade em pautas sociais como racismo, capacitismo, gênero, etarismo etc convidam para uma análise dos movimentos feitos pelos usuários da língua no esforço de subverter sentidos que já não atendem aos anseios de parcelas da sociedade.

Ademais, considere-se reconhecer como os sentidos atribuídos por Clarice seriam adotados pelos falantes. Caso as novas acepções fossem adotadas por todos, certamente suas significações seriam alteradas ou adicionados nos dicionários. Assim, seriam consolidadas atribuições semânticas de ingenuidade ao “esperto” e de otimismo ao “bobo”. Certamente que movimentos como esses são passíveis de acontecerem na história das línguas de modo lento e gradual, revelando os valores em voga em dada sociedade.

Em síntese, o artigo nos leva a refletir como a linguagem se estabelece pela atividade do falante. Nesse sentido, quaisquer estudos que englobem essa temática revelam-se de maneira imprescindível para o reconhecimento de diferentes maneiras de se conceber a língua e sua contribuição para a comunicação humana.

Referências

- ABRAHÃO, Virgínia B.B. **Semântica, Enunciação e ensino**. 1 ed. Vitória: EDUFES, 2018, 182 p.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance**. São Paulo: Hucitec, 1975.
- BARNABÉ DE MORAES, Layse. A DESCOBERTA DO MUNDO DE CLARICE CRONISTA. *Littera: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 11, n. 21, 23 Dez 2020.
- BARBOSA & CASTRO. **Górgias: Testemunhos e Fragmentos**. Lisboa: Colibri, 1993.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970. 50ª. Edição, 2015.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística I: Objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, José Luiz. **Linguística? O que é isso?**. São Paulo: Contexto, 2013.

LISPECTOR Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

KIRCHOF, Edgar Roberto. Literatura enquanto linguagem: o legado de Roman Jakobson. **Anteres**, Rio Grande do Sul, n. 2, p. 61-75, jul. 2009.

MAGALHÃES, Fábio. Catálogo. O mundo mágico de Marc Chagal, o sonho e a vida. São Paulo, 2009.

SILVA, Cristina Maria da; NASCIMENTO, Bruno Duarte. Clarice Lispector: trajetórias de uma escritora. **Letras em Revista**, Teresina, v. 5, n. 1, p. 55-66, jan./jun. 2014. TAMBA-MECZ, Irène; tradução Marcos Marcionilo. **A Semântica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Reflections on the production of meaning in the chronicle “The advantages of being a fool” by Clarice Lispector

Abstract: This article brings reflections on the production of meanings of the words “bobo” and “sperto”, present in the chronicle “The benefits of being a fool” by the Brazilian writer Clarice Lispector. It can be seen how the author constructs new meanings around these words, attributing a positive charge to the word “silly”, while attributing a negative value to “smart”. It is a bibliographic study, of an interpretative nature, which is concerned with presenting some of the strategies used by the author of the text under analysis to produce the meanings of the two selected words. Furthermore, it is observed how changes in the meanings of words exert new meanings combined with the discursive objective. More traditional studies on meaning and on the meaning relationships between words tended to conceive them as fixed and established. With the new approaches that have emerged in this field of study, new possibilities for understanding how meanings are produced arise. Thus, this study takes as assumptions the concepts that meanings are not fixed in linguistic elements and that semantic-lexical relationships between words can be constructed and deconstructed in discursive activity, linked to the Semantics of Enunciation. The article adopts authors such as Abrahão (2018), Bakhtin (1975), Moraes (2020), Barbosa & Castro (1993), Fiorin (2012), among others, as theoretical references, to anchor reflections on meaning in language and Silva & Nascimento (2014) and Moraes (2020) for considerations about the author of the chronicle under analysis. This study contributes to corroborating the speaker’s activity as fundamental in the construction of new meanings in the effective use of language.

Keywords: Production of Meaning; Speech; Clarice Lispector.

<p>Recebido em 02 de maio de 2024 Aprovado em 30 de maio 2024 Publicado em 29 de junho de 2024</p>
